



Estudos sobre as mulheres negras na Educação Física: discussões do CONBRACE/CONICE

Estudios sobre las mujeres negras a través de la Educación Física: Lo que se ha discutido en CONBRACE/CONICE

Elina Rodrigues de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande
Rio Grande-Brasil

Juliana Ribeiro de Vargas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre-Brasil

Paula Regina Ribeiro
Universidade Federal do Rio Grande
Rio Grande-Brasil

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a produção acadêmica do campo da Educação Física com relação à questão racial no Brasil, mais propriamente sobre as mulheres negras. Dessa forma, investigamos os trabalhos que constam nos Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e do Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) em suas cinco últimas edições, buscando nos Grupos de Trabalhos Temáticos Gênero e Relações Étnico-raciais, trabalhos cuja temática esteja relacionada à essa pauta. Ficou evidente o aumento de trabalhos relacionados à temática, cabendo destacar a importância da criação do GTT 13 (Relações Étnico-raciais) em 2023, e que as principais temáticas abordadas nos trabalhos estão relacionadas ao Corpo, Interseccionalidade, Identidades, Pedagogias e Resistência, demonstrando várias possibilidades de discussão dentro da EF.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Educação Física; Gênero.

Resumo

Este artículo tiene como objetivo analizar la producción académica del campo de la Educación Física en relación a la cuestión racial en Brasil, más específicamente sobre las mujeres negras. Así, investigamos los trabajos que aparecen en los Anales del Congreso Brasileño de Ciencias del Deporte (CONBRACE) y del Congreso Internacional de Ciencias del Deporte (CONICE) en sus últimas cinco ediciones, buscando en los Grupos de Trabajo Temáticos Género y Relaciones Étnico-Raciales, trabajos cuya temática se relaciona con esta agenda. Se evidenció el aumento de trabajos relacionados con la temática, y cabe destacar la importancia de la creación del GTT 13 (Relaciones Étnico-raciales) en 2023, y que los principales temas abordados en los trabajos están relacionados con el Cuerpo, la Interseccionalidad, las Identidades, las Pedagogías y la Resistencia, demostrando varias posibilidades de discusión dentro de la EF.

Palabras clave: Mujeres Negras; Educación Física; Género.

Introdução

A escolha pelas mulheres negras, objeto deste estudo, se dá na medida em que duas autoras são mulheres negras e formadas em Educação Física, e que buscam compreender a atual conjuntura dos estudos relacionados à temática da interseccionalidade quando relacionada ao campo da EF. Compactuando com as palavras de Grada Kilomba (2019), percebemos essa ausência nas passagens pela universidade, e corroboramos com seu pensamento quando ela diz que não somos incluídas nos discursos e não possuímos nenhuma correspondência com o tido padrão social, seja ele o do homem branco:

Mulheres negras, por não serem nem brancas nem homens, passam a ocupar uma posição muito difícil dentro de uma sociedade patriarcal de supremacia branca. Nós representamos um tipo de ausência dupla, uma Outridade dupla, pois somos a antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade (Kilomba, 2019, p. 190).

Cabe ainda salientar que a forma como as mulheres negras são oprimidas pelo racismo e pela violência de gênero “leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas” (Kilomba, 2019, p. 99).

A Educação Física (EF) no Brasil possui, em seu histórico, profundas raízes em teorias racistas. Fortemente influenciada pelo nazismo e fascismo, durante muitos anos, a EF serviu aos interesses do militarismo e se pautou pelo discurso do corpo ideal, daquele corpo tido como sem máculas, defeitos e doenças, um corpo que possuía uma cor muito bem definida: a branca. Tanto as teorias eugenista e higienista vinham a corroborar com um projeto de nação que pretendia exterminar a população negra, para isso utilizando-se de discursos que determinavam padrões raciais para o que era geneticamente desejável, considerado saudável e aceitável. De acordo com Elina Oliveira, Flaviana Silvino e Leila Finoqueto (2023), atualmente, a EF é entendida como uma cultura corporal, possuindo outra concepção, que considera as dimensões sociais, culturais, políticas, entre outras.

Na década de 30, fortemente influenciada pelo nazismo e pelo fascismo, a Educação Física é utilizada pelas forças militares como ferramenta eugenista, tendo na sequência o foco em uma EF higienista, que servia aos interesses do Estado, sendo aceita também no ambiente educacional. Tais utilidades restringiam o campo de ação da EF aos aspectos biológicos e técnicos. Temos que a partir de uma concepção higienista e eugenista, onde servia aos interesses médicos e militares, a Educação Física atualmente é entendida como uma cultura corporal (BRASIL, 1997), sendo necessário que se considere as dimensões sociais, culturais, políticas e afetivas em suas práticas (Oliveira; Silvino; Finoqueto, 2023, p. 11).

Ocorre que, mesmo após ter tido todo um histórico de constituição em bases racistas, a Educação Física no Brasil não se redimiu aos corpos que auxiliou a relegar a uma posição de subalternidade, apenas ignorou seu passado, que marcou e marca até hoje os corpos negros, tidos ainda hoje como esteticamente feios, e socialmente sujos e incivilizados, conforme é colocado por Ivanilde Mattos (2021).

Todos esses processos acumulam marcas profundas de discriminação para com o corpo negro, ao longo da história da sociedade brasileira, que internalizou certos preconceitos a partir da lógica eurocêntrica, em favor da dominação da elite branca, que passava a achar natural que o negro fosse considerado cultural e intelectualmente inferior; esteticamente feio e, socialmente, sujo e incivilizado (Mattos, 2021, p. 38).

Esse discurso racista foi normalizado e introjetado no imaginário social, fazendo com que se mantivesse uma hierarquização racial, e serviu de base para o racismo velado que ainda existe no Brasil e é extremamente difícil de ser combatido, exatamente por não ser escancarado. Conforme colocado ironicamente por Lélia Gonzalez (2018) em “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, o senso comum determinou que a população negra possui as piores condições de existência, por conta da sua incapacidade intelectual, esteticamente feia, que só serve para o trabalho braçal ou para o sexo, ou seja, algumas das falácia que ainda reverberam na nossa sociedade.

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, ciancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzales, 1979b), pois filho de peixe, peixinho é. [...] Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados (Gonzalez, 2018, p. 193).

Com origens a serviço da ‘branquitude’, conceito trabalhado pela intelectual Cida Bento (2022, p. 62), correspondente a “um lugar a partir do qual as pessoas brancas olham a si mesmas, aos outros e à sociedade”, incluiria, ainda, “definem”, pois a partir desse olhar, a branquitude se definiu como padrão a ser seguido. Em função disso, a EF auxiliou a embasar o imaginário social que perdura até os dias de hoje.

De fato, branquitude, em sua essência, diz respeito a um conjunto de práticas culturais que são não nomeadas e não marcadas, ou seja, há silêncio e ocultação em torno dessas práticas culturais. Ruth Frankenberg chama a atenção para branquitude

Estudos sobre as mulheres negras na Educação Física: discussões do CONBRACE/CONICE

como um posicionamento de vantagens estruturais, de privilégios raciais. É um ponto de vista, um lugar a partir do qual as pessoas brancas olham a si mesmas, aos outros e à sociedade (Bento, 2022, p. 62).

Consideradas como o outro em relação ao branco, as pessoas negras têm ocupado um lugar social marcado pelos piores indicadores, sejam de renda, educação, ocupação, entre outros. Quando se considera o gênero, concomitantemente à raça, temos a junção de duas formas de opressão que se interseccionam, tornando a vida das mulheres negras ainda mais difícil. Segundo a intelectual Grada Kilomba (2019, p. 94), para fins de análise social, “Raça não pode ser separada do gênero, nem o gênero da raça”, então, é importante que se delimite sobre quem são as pessoas das quais se está falando. Ainda segundo a intelectual, os discursos sobre raça geralmente contemplam a realidade dos homens negros, enquanto os discursos sobre gênero geralmente se referem às mulheres brancas:

Mulheres negras têm sido, portanto, incluídas em diversos discursos que mal interpretam nossa própria realidade: um debate sobre racismo no qual o sujeito é o homem negro; um discurso genderizado no qual o sujeito é a mulher branca; e um discurso de classe no qual “raça” não tem nem lugar (Kilomba, 2019, p. 97).

Com a finalidade de saber qual a atual produção acadêmica do campo da EF com relação à questão racial brasileira, mais propriamente sobre as mulheres negras, este trabalho se propõe a analisar os trabalhos que constam no Anais do evento denominado Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) em suas cinco últimas edições, buscando, nos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs) Gênero e Relações Étnico-raciais, trabalhos cuja temática esteja relacionada a essa pauta. A escolha pela análise dos cinco últimos eventos se dá na medida que a intenção não é levantar todos os trabalhos publicados nos Anais dos eventos, mas tão somente fazer um recorte a fim de compreender em que medida, e como, está ocorrendo a discussão da temática “mulheres negras” no campo de estudos da EF.

A busca por temáticas relacionadas às mulheres negras nos dois GTTs: Gênero e Relações Étnico-raciais vem ao encontro de investigar a ocorrência da denúncia de Grada Kilomba (2019): mulheres negras têm sido mal interpretadas pelo discurso de gênero, debruçado pelas questões das mulheres brancas e do discurso racial, voltado para questões relacionadas aos homens negros, deixando de lado a problemática interseccional que afeta a vida das mulheres negras de forma agravada. Dessa forma, buscaremos compreender se

existem trabalhos relacionados à temática “mulheres negras”, e em caso positivo, quais aspectos estão sendo estudados pelo campo da EF com relação a essas mulheres.

Sobre o CBCE, o CONBRACE/CONICE e a criação dos GTT’s 07 - Gênero e 13 - Relações Étnico-raciais

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é uma entidade formada por pesquisadores das áreas da Educação Física e das Ciências do Esporte, existente desde 1978. Seu congresso nacional intitulado CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte), é um dos maiores eventos científicos da área no paísⁱ, e ocorre juntamente com o CONICE (Congresso Internacional de Ciências do Esporte). O CONBRACE é dividido por Grupos Temáticos de Trabalho (GTT), realizado a cada dois anos, e cada edição ocorre em uma unidade da federação diferente. Os Anais com os trabalhos apresentados no evento são disponibilizados em seu siteⁱⁱ.

A discussão inicial sobre a criação do GTT 07 – Gênero remonta ao ano de 2005, em que o XIV CONBRACE, em Porto Alegre, um coletivo de 27 pesquisadores/as entregou um abaixo-assinado solicitando a criação de um espaço próprio para a discussão sobre a temática de gênero no evento. Segundo Brenda Costa e Neves (2022), à época, avaliou-se que, antes, seria necessária a regulamentação dos GTT’s, o que postergou a avaliação sobre a criação ou não do novo grupo temático de trabalho.

A proposta de criação do GTT 07 - Gênero foi entregue em 2011 ao presidente do CBCE, à época, Sr. Leonardo Tartaruga, no XVII CONBRACE e assinado por 13 pesquisadores/as. Devido ao trâmite burocrático a ser seguido, a proposta só foi avaliada em 2013. No parecer de avaliação, datado de 23 de março de 2013, redigido pelo então Diretor Científico do CBCE, Prof. Dr. Alexandre Andrade, em sua negativa, motivou, entre outros, que “(...) faltam argumentos e dados específicos, menos genéricos, que sustentem exatamente esta criação de um GTT especialmente à esta temática” (CBCE, 2013, p. 2). O Prof. Dr. Alexandre Andrade ainda questionou sobre a necessidade real de criação de um GTT específico para a discussão da temática, questionando se não seria possível que a temática gênero fosse discutida nos GTT’s já existentes, o que demonstra um total descaso com essa pauta dentro da EF. A negativa foi rebatida por um coletivo de associados/as que conseguiram reverter a decisão, fazendo com que a criação do GTT 07 - Gênero fosse aprovada, tendo entrado em vigor no evento de 2015, 10 anos após o início da discussão sobre a sua criação.

Estudos sobre as mulheres negras na Educação Física: discussões do CONBRACE/CONICE

A discussão acerca da criação do GTT 13 - Relações Étnico-raciais remonta a setembro de 2019. De acordo com o parecer de análise para a criação do GTTⁱⁱⁱ, consta que a primeira demanda formalizada acerca da criação dele foi interposta por estudantes de mestrado e graduação em assembleia realizada no XXI CONBRACE e VIII CONICE. Cabe o registro histórico acerca das pessoas que propuseram a criação do GTT: Pâmela Tavares Monteiro (mestranda/UFES), Bruno Henrique de Paula (mestrando/UFMG) e Ramon Matheus dos Santos e Silva (graduando/UFES). Em novembro do mesmo ano, um coletivo de associados/as endereçou carta ao presidente do CBCE manifestando o seu interesse em dar continuidade à ideia. Segundo consta no parecer:

Os proponentes ressaltam a dívida histórica que a Educação Física possui com o corpo negro, haja vista que professores, atletas e demais participantes negros ainda enfrentam estereótipos em suas práticas e pesquisas. Essa situação foi reforçada pela influência do processo eugenista implantado no Brasil, cujo modelo corporal era o eurocêntrico. Daí decorre a preocupação com a criação de um espaço próprio de discussão e produção do conhecimento que possa contribuir para que a educação física brasileira avance em questões étnico-raciais no sentido de perspectivas inclusivas e na construção de uma outra história (CBCE, 2020, p. 5).

Ainda dentre as justificativas para a criação do GTT, os/as proponentes colocaram que, para fins de criação de uma nação parecida com a europeia (branca), (...), o Estado utilizou-se da protocooperação de três principais instituições: médica, escolar e esportiva (CBCE, 2020, p. 6). Eles/elas ainda elencaram o papel das instituições e das entidades científicas no que diz respeito à necessidade de reparação pelos danos causados pela escravização e pelo racismo imposto às populações negra e indígena no Brasil.

Ainda que tardiamente, é fundamental que as instituições e entidades científicas fundem espaços de visibilidade e de reparação que assumam a luta contra o racismo, contra as desigualdades raciais e a supremacia branca que dominam a sociedade brasileira e os espaços acadêmicos no Brasil (CBCE, 2020, p. 8).

Ao decidir favoravelmente pela criação do GTT 13, a comissão avaliadora conclui dizendo que o CBCE se torna o principal meio de construção, acesso e visibilidade de pesquisas por uma EF antirracista.

Ao incluir questões étnico-raciais em sua política científica, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte torna-se o principal meio de construção, acesso e visibilidade das pesquisas e trabalhos voltados à temática no campo da Educação Física e do Esporte, democratizando as epistemologias e posicionando-se a favor do antirracismo (CBCE, 2020, p. 15).

Cabe o registro histórico a respeito da composição da comissão que avaliou sobre a criação do GTT 13: Profa. Dra. Larissa Michelle Lara (UEM), Prof. Dr. Billy Graeff (FURG), Prof. Dr. Cláudio Marques Mandarino (Unisinos), Profa. Dra. Dulce Filgueira Almeida (UnB), Prof. Dr. José Geraldo Soares Damico (UFRGS), Profa. Pâmela Tavares Monteiro (UFES) e Profa. Dra. Christiane Garcia Macedo (UNIVASF).

Quanto à caracterização dos GTT's analisados neste trabalho, segundo informações disponibilizadas no site da CBCE, a política do GTT 07 - Gênero é: “Estudos sobre os processos sociais, culturais e históricos por meio dos quais as práticas corporais constituem e são constituintes do gênero, a partir de diferentes referenciais teórico-metodológicos, que atravessam a Educação Física e as Ciências do Esporte^{iv}. ” Já a política do GTT 13 - Relações Étnico-raciais é: “Estudo das relações étnico raciais identificadas em cenários da Educação Física, considerando aspectos históricos, políticos e sociais, por meio de distintas vias metodológicas e de análise”.

Tecendo estratégias metodológicas

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, pois buscamos entender os textos dos Anais dos dois GTT's como pesquisas científicas que constituem um determinado tema. Segundo Rosana Kripka, Morgana Scheller e Danusa Bonotto (2015, p. 243), “Num estudo qualitativo a busca por dados na investigação leva o pesquisador a percorrer caminhos diversos, isto é, utiliza uma variedade de procedimentos e instrumentos de constituição e análise de dados”. Nessa primeira fase da pesquisa, foi feita a leitura dos títulos e dos objetivos dos trabalhos a fim de identificar quais se relacionavam à temática “mulheres negras”. Foram analisados os Anais do GTT 07 - Gênero, referente às cinco últimas edições do congresso, e do GTT 13 - Relações Étnico-raciais referente ao ano de 2023, ano de sua implementação. Através da análise das temáticas principais dos textos, buscou-se a correspondência a assuntos relacionados às mulheres negras com a finalidade de identificar o que o campo da Educação Física está pesquisando sobre elas.

Após a seleção dos trabalhos, foi quantificado o número de trabalhos relacionados à temática das mulheres negras que constam nos Anais do CONBRACE/CONICE, nos GTT's Gênero e Relações Étnico-raciais. Cabe salientar que os formatos dos textos submetidos ao evento são resumo expandido e resumo simples, e que dentre os trabalhos selecionados nenhum faz menção ao pertencimento étnico-racial de seus/suas autores/as, e que parte dos

Estudos sobre as mulheres negras na Educação Física: discussões do CONBRACE/CONICE

trabalhos foram escritos em colaboração entre pesquisadores e pesquisadoras, demonstrando que a discussão da temática não se atém somente às mulheres.

Na última etapa do trabalho, foi realizada uma análise em que foram verificadas as temáticas centrais das produções anteriormente selecionadas.

Tecendo algumas análises

Na análise do número de trabalhos nos Anais, em um primeiro momento, é possível perceber o grande aumento do número de textos a cada edição do evento, onde, nos Anais de 2015 do GTT 07 - Gênero, foram publicados apenas 29 trabalhos, e na última edição, em 2023 tem-se 66 trabalhos. Já no GTT 13 - Relações Étnico-raciais, em sua primeira edição, em 2023 constam 53 trabalhos, o que também demonstra que a instituição desse grupo temático de trabalho foi algo bastante relevante (tabela 1 e gráfico 1).

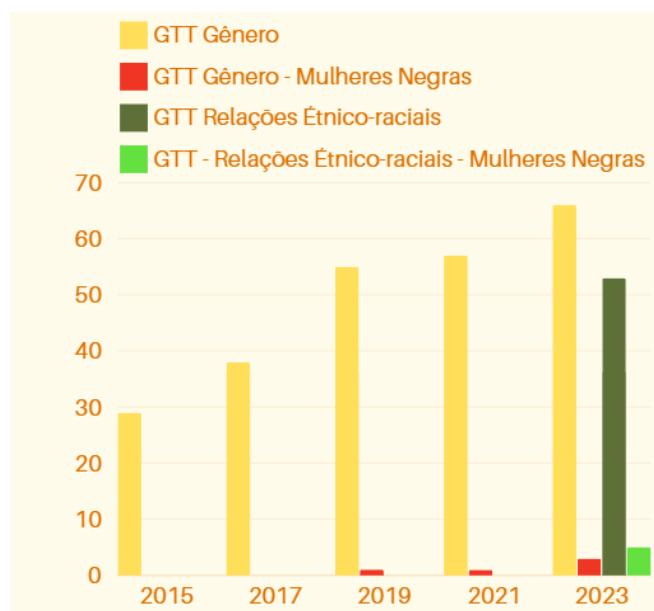
Ao analisar a temática central de cada um dos trabalhos, foi possível identificar quais tratavam de questões relacionadas às mulheres negras, nos quais também foi perceptível o aumento do número de trabalhos relacionados à temática, sinalizando que o campo da Educação Física tem prestado mais atenção à pesquisa sobre essas mulheres. Salienta-se o fato de que o maior número de trabalhos relacionados às mulheres negras foram submetidos na última edição do evento, totalizando 8 trabalhos, 3 no GTT 07 (Gênero) e 5 no GTT 13 (Relações Étnico-raciais), o que demonstra a importância da criação do GTT 13 para a discussão de temas relacionados à essas mulheres pelo campo da Educação Física.

Tabela 1: Número de trabalhos relacionados à temática: mulheres negras

Ano	Número de trabalhos GTT 07 - Gênero	Número de trabalhos GTT 07 - Gênero - Mulheres Negras	Número de trabalhos GTT 13 - Relações Étnico-raciais	Número de trabalhos GTT 13 - Relações Étnico-raciais - Mulheres Negras
2015	29	0	-	-
2017	38	0	-	-
2019	55	1	-	-
2021	57	1	-	-
2023	66	3	53	5
Total	245	5	53	5

Fonte: elaborado pelas autoras, 2024.

Gráfico 1: Número de trabalhos relacionados à temática: mulheres negras



Fonte: elaborado pelas autoras, 2024.

Sobre o que o GTT 07 - Gênero tem falado acerca das mulheres negras?

Ao verificar qualitativamente sobre as produções do GTT 07 - Gênero, com o objetivo de identificar o que está sendo escrito sobre as mulheres negras, foi possível elaborar o quadro síntese abaixo, cujos trabalhos selecionados foram atribuídos números, a fim de identificá-los para posterior análise (tabela 2):

Tabela 2: Produções acerca das mulheres negras nos Anais do GTT 07 - Gênero

Número	Ano	Título	Temática central	Autoria
1	2019	A objetivação do corpo das mulheres do Brasil: regularidades discursivas acionando dispositivos de resistência	Analisa o corpo das mulheres em “Feijoada” de Chiquinha Gonzaga. Por meio do aparato foucaultiano da Análise Discursiva revelou-se o corpo da mulher negra, objetivada como sedutora e comparada a um prato típico brasileiro. Seu discurso é atravessado por dispositivos de poder e apresenta regularidades que nos levam à compreensão de como o corpo das mulheres é objetificado na música e na dança em épocas diferentes e de como esse corpo aciona dispositivos de resistência.	Eliane Regina Crestani Tortola e Larissa Michelle Lara
2	2021	Intersecções de raça, gênero e sexualidade:	Buscou analisar os artigos da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) que tematizam a intersecção de raça, gênero e sexualidade.	Marie Luce Tavares, Izaú Veras Gomes, Carolina Cristina dos

Estudos sobre as mulheres negras na Educação Física: discussões do CONBRACE/CONICE

		tecendo considerações a partir das publicações da RBCE	gênero e sexualidade, no período de 2003 a 2021.	Santos Nóbrega, Vivian Maria dos Reis, Thiago José Silva Santana e Raphael Alves Coelho
3	2023	Meninas e jovens mulheres negras empoderadas pelo esporte: fortalecendo identidades feministas de Deus	Objetivamos descrever a estrutura geral das sessões do Programa UVLO, destacando o papel das tematizações e práticas corporais/esportivas no fortalecimento das identidades feministas de meninas e jovens mulheres negras moradoras da favela bem como o seu reverberar no tocante ao empoderamento.	Mariana Cristina Borges Novais, Ayra Lovisi, Fabiana Duarte e Silva, Barbara Aparecida Bepler Pires, Bruna Silveira Chaves e Ludmila Mourão
4	2023	Perspectiva pedagógica feminista: uma proposta para a Educação Física	Objetivo é modelar uma perspectiva pedagógica feminista para a Educação Física tendo como ponto de partida a discussão sobre gênero e sexualidade e suas articulações com o marcador raça.	Graziela Silva Ferreira e Silvar Ferreira Ribeiro
5	2023	Um lugar que não me pertence: o olhar para a outra na capoeira, interseccionalidade, agência e resistência	Vamos aqui falar da prática em capoeira que é frequentemente caracterizada pela luta, dança e jogo, mas que nesse trabalho será discutida a partir da movimentação de corpos subjetivos.	Marcelo Barbosa Alves, Marcelo Victor da Rosa e Marina Brasiliano Salerno

Fonte: elaborado pelas autoras, 2024.

As análises foram feitas de modo a agrupar os trabalhos que possuíam, em seus títulos ou objetivos, alguma correspondência entre si, tendo sido elencadas 4 categorias para análise: Corpo, Interseccionalidade, Identidades e Pedagogias.

Na categoria Corpo, tem-se o trabalho 1, intitulado “A objetivação do corpo das mulheres em Feijoada do Brasil, de Chiquinha Gonzaga: regularidades discursivas acionando dispositivos de resistência”, o qual trata sobre a objetificação feita sobre os corpos das mulheres negras em uma das músicas da compositora Chiquinha Gonzaga, em que a mulher negra é comparada a uma gostosa feijoada. Neste trabalho, cabe destacar acerca da objetificação da mulher negra, fato problematizado pela intelectual Lélia Gonzalez, em seu texto intitulado Racismo e sexismo na cultura brasileira (2018), no qual, ao tratar sobre a naturalização do racismo em nossa sociedade, diz-nos que “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta (Gonzalez, 2018, p. 193).

Cabe destacar sobre o conceito de interseccionalidade, que emergiu como uma das categorias analisadas neste trabalho. Segundo a autora Carla Akotirene (2021), tal conceito foi elaborado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, tomando popularidade após a Conferência de Durban, na África do Sul em 2001. De acordo com Carla Akotirene,

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisneteropatriarcado - produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2021, p. 19).

A categoria Interseccionalidade abrange os trabalhos 2 e 5, cujo trabalho 2, intitulado “Intersecções de raça, gênero e sexualidade: tecendo considerações a partir das publicações da RBCE” faz uma análise dos artigos publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) com a temática interseccional, no período de 2003 a 2021. Os resultados mostraram que foram poucos os artigos publicados na revista sobre a temática da interseccionalidade, sendo apenas 2 artigos dentre os 965 publicados no período analisado (após 2003, ano de implementação da Lei n.º 10.639, que obriga o ensino da História e Cultura Afro-brasileira). O trabalho também indica que a temática em questão deve, inclusive, constar no currículo da formação inicial em Educação Física, pois é pouco explorada pela área. O trabalho 5, intitulado “Um lugar que não me pertence: o olhar para a outra na capoeira, interseccionalidade, agência e resistência”, analisa a participação da Mestra Tisza, uma mulher negra, mãe e Mestra de Capoeira em um programa no Facebook. A análise concluiu que a Mestra Tisza tensiona as relações de poder dentro da Capoeira ao produzir uma realidade favorável para as mulheres que a praticam, ao desconstruir padrões tidos como unicamente masculinos dentro da prática, como por exemplo os comportamentos durante a prática.

A Categoria Identidades contempla o trabalho 3, intitulado “Meninas e jovens mulheres negras empoderadas pelo esporte: fortalecendo identidades feministas na Cidade de Deus”. O texto fala sobre o “Programa Uma Vitória Leva à Outra – meninas empoderadas pelo esporte” (UVLO), desenvolvido na comunidade Cidade de Deus (CDD), buscando caracterizar como se dão as sessões do programa que, para além da prática esportiva, proporciona educação feminista negra, o fortalecimento da identidade étnico-racial, bem como o seu empoderamento e conscientização acerca de temáticas como a violência de gênero.

Estudos sobre as mulheres negras na Educação Física: discussões do CONBRACE/CONICE

Na Categoria Pedagogias, tem-se o trabalho 4, “Perspectiva pedagógica feminista: uma proposta para a Educação Física”, que busca articular uma Educação Física escolar com a discussão feminista decolonial e com a finalidade de construção de conhecimento para uma educação transformadora. O trabalho é o prelúdio de uma pesquisa de doutorado que buscava através da leitura dos documentos direcionadores da EF e de uma revisão de literatura, pautar de quais formas se pode articular essas temáticas na EF escolar.

Sobre o que o GTT 13 - Relações Étnico-raciais tem falado acerca das mulheres negras?

Ao verificar as produções do GTT 13 - Relações Étnico-raciais, a fim de identificar o que está sendo escrito sobre as mulheres negras, foi possível elaborar a tabela síntese (tabela 3):

Tabela 3: Produções acerca das mulheres negras nos Anais do GTT 13 - Relações Étnico-raciais

Número	Ano	Título	Temática central	Autoria
1	2023	A vida nos quadris: Na presente pesquisa buscamos ciência do analisar questões que perpassam rebolado e o corpo do corpo de dançarinas negras, a de mulheres partir da literatura de pessoas negras pretas que são referência nesta cena.		Thayane de Araujo Rodrigues e Adriana Martins Correia
2	2023	Abordagem hegemonic do algoritmo pode manipular a corpo na Educação Física. O esquecimento proposital dos corpos negros – o racismo algorítmico sem desfaçatez	Uma análise de como o racismo do algoritmo pode manipular a percepção da imagem corporal na internet e na vida cotidiana.	Sebastião Carlos Carvalho
3	2023	Mulher, mãe, professora negra: lutas resistências para existir	Pensando nas interseccionalidades que atravessam as experiências da maternidade e da docência, nesse estudo voltamos o foco para as experiências e narrativas das mães professoras negras de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.	Gabriela Nobre Bins, Cristiane da Silva Costa, Ivaniize Christiane do Nascimento Honorato, Elenice Leite Ferreira, Luanda dos Santos Dutra e Daniela do Santo Abreu
4	2023	Mulheres negras na gestão do esporte: entre a invisibilidade e a resistência	Identificar e debater os lugares (ou não lugares) das mulheres negras na gestão esportiva e utilizando como suporte teórico autoras e autores negras/os e diferentes formas de produção de informações, como revisão de	Cauê Soares, Victória Leizer Bruna Tassiane dos Santos Pontes e Eduardo Andrade

		literatura, trechos de questionários e dados quantitativos.	
5	2023	<p>“É desmotivador! É constrangedor!”</p> <p>O acesso as práticas de atividade física esportiva mulheres e interseccionalidad</p> <p>Analizar nos relatos das estudantes de AFEs em seu</p> <p>debarreiras da Educação Básica (EB) que dificultam o acesso as práticas de AFEs em seus territórios, por meio da Interseccionalidade como ferramenta analítica</p>	Nathália da Rocha Corrêa Barros, Rosangela Silveira de Carvalho, Rosa Malena de Araújo Carvalho e Isabela Cabral Félix de Sousa

Fonte: elaborado pelas autoras, 2024.

As análises possibilitaram a divisão dos trabalhos em 3 categorias: Corpo, Interseccionalidade e Resistência. Na Categoria Corpo, foram categorizados os trabalhos 1 e 2. O trabalho 1, intitulado “A vida nos quadris: ciência do rebolado e o corpo de mulheres negras”, faz um contraponto ao pensamento racista e colonizador de que as danças como o samba e o funk são ligadas à prostituição e promiscuidade do corpo das mulheres negras, o que as autoras colocam como um pensamento decorrente do legado da escravidão e do racismo. Elas ainda propõem que existe ciência por trás do rebolado, símbolo de resistência do povo negro. O segundo trabalho da Categoria Corpo é intitulado “Abordagem hegemonic da Educação Física”. O esquecimento proposital dos corpos negros – o racismo algorítmico sem desfaçatez”, dentre suas conclusões, afirma ser necessária a inclusão de uma perspectiva crítica sobre raça, gênero e outras formas de opressão aos profissionais da EF em formação, com a finalidade de que seja combatido o pensamento hegemonic que privilegia os corpos brancos, tidos como bonitos e desejáveis e os corpos negros, como o oposto disso. É fato que os estereótipos racistas e as imagens de controle, conceito cunhado pela intelectual estadunidense Patricia Hill Collins (2016), têm sido amplamente utilizados com a finalidade de justificar as piores condições de vida e a subalternização dessa grande parcela da população brasileira. As representações sociais negativas atreladas a uma teoria racista e à introjeção de uma baixa autoestima tem causado muitos danos à população negra, em especial às mulheres negras, objeto deste estudo.

Os trabalhos enumerados como 3 e 5 foram inseridos na categoria Interseccionalidade, cujo trabalho 3, intitulado “Mulher, mãe, professora e negra: lutas e resistências para existir”, versa sobre as experiências da docência e da maternidade por mães negras professoras de

Estudos sobre as mulheres negras na Educação Física: discussões do CONBRACE/CONICE

Educação Física da rede pública de Porto Alegre - RS. No texto em questão, são relatadas desde a violência obstétrica, que assola em maior número as mulheres negras^v, os efeitos que a representatividade causada pela existência de professoras negras gera em seus/suas alunos/as, trazendo empoderamento; até a preocupação com o racismo e com formas de sobreviver a ele e proteger a sua prole. O trabalho conclui enfatizando a importância da professora negra na criação de referências para estudantes negros/as.

Já o trabalho 5, intitulado “É desmotivador! É constrangedor! O acesso às práticas de atividade física e esportiva por mulheres e a interseccionalidade”, traz a interseccionalidade como fator para que mulheres negras tenham maior dificuldade de acesso à prática de atividade física. No trabalho em questão, foram entrevistadas mulheres negras estudantes da educação básica, em que a violência, a jornada de trabalho e os cuidados com os filhos tornam-se barreiras para que elas tenham uma vida mais ativa.

O trabalho 4, intitulado “Mulheres negras na gestão do esporte: entre a invisibilidade e a resistência” foi categorizado em Resistência, e trata da baixa presença de mulheres negras nos cargos de gestão esportiva, conjuntura corroborada pela revisão de literatura realizada e por entrevistas feitas com gestoras negras, as quais relataram sofrerem com tratamentos racistas e com o machismo. O trabalho ainda conclui que essas múltiplas opressões sofridas pelas mulheres negras se sobressaem às opressões sofridas pela maioria das demais pessoas.

Tecendo algumas considerações

O reconhecimento, mesmo que tardio, por parte do CBCE acerca da responsabilidade da Educação Física sobre a situação racial do Brasil, demonstrada por meio da criação do GTT 13 - Relações Étnico-raciais, aponta estar havendo mudança significativa no campo da EF. Mesmo que de forma gradual, vê-se o aumento de trabalhos relacionados à temática racial e, em especial, acerca das mulheres negras a cada edição de um dos principais eventos científicos da Educação Física do país. Ressalta-se sobre a importância da criação do GTT 13, que demonstra a relevância da discussão racial pela EF e incentiva a produção acadêmica que anteriormente se pulverizava nos demais GTT's, sem a devida propriedade dada a um GTT específico, como agora se tem.

As principais temáticas abordadas nos trabalhos publicados nos Anais do CONBRACE/CONICE, em suas 5 últimas edições, estão relacionadas às temáticas Corpo, Interseccionalidade, Identidades, Pedagogias e Resistência, o que demonstra as várias possibilidades de discussão da temática étnico-racial dentro da área da Educação Física.

Desde a problematização acerca da objetificação do corpo das mulheres negras, a sua ausência em cargos de gestão, o relato sobre experiências feministas negras em projetos de empoderamento e conscientização de meninas periféricas, a questão dos estigmas a respeito da cultura negra, e a interseccionalidade que opõe e sobrecarrega professoras negras que são mães, foram alguns dos principais achados desta pesquisa, mostrando a preocupação social com relação às mulheres negras presente no evento CONBRACE/CONICE em diversas esferas.

Cabe o destaque das autoras negras que têm sido expoentes da discussão da temática étnico-racial e que se fazem presentes nos trabalhos analisados, demonstrando acerca da possibilidade que se abre para a disseminação do conhecimento formulado por essas intelectuais dentro da EF. Dentre essas autoras, pode-se citar as brasileiras: Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Cida Bento, Djamila Ribeiro, Nilma Lino Gomes, Ivanilde Mattos, Neusa Santos Souza e Carla Akotirene; e, dentre as estrangeiras: Kimberle Crenshaw, Grada Kilomba, Patricia Hill Collins e bell Hooks.

Por último, analisando temporalmente as produções levantadas, é visível o seu incremento positivo. De apenas 1 trabalho apresentado no ano de 2019, número que se repetiu na edição de 2021, o evento passou a contar com 8 trabalhos em sua última edição, no ano de 2023, o que faz pensar sobre a evolução que está ocorrendo no que diz respeito ao interesse no estudo sobre questões étnico-raciais relacionadas a mulheres negras pela EF.

É possível esperar que seja cada vez maior a discussão a respeito das mulheres negras pelo campo da EF, inclusive devido ao fato de elas serem, na atualidade, grandes representantes no esporte profissional, e estejam cada vez mais presentes nas agendas do governo no que diz respeito a políticas de cunho racial, o que tem levantado e dado visibilidade a diversas questões acerca da problemática racial que afeta as suas vidas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE). **Análise e parecer sobre a solicitação de criação do GTT “Gênero” por parte dos sócios do CBCE.** Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/99023>>. Acesso em 12 nov. 2025.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE). **Parecer quanto à solicitação de criação do GTT Educação Física e as Relações Étnico-raciais.** Disponível em: <https://public.cbce.org.br/uploads/611ea8c1e2d27Parecer-Comiss%C3%A3o-GTT-Etnicos-Raciais.pdf>. Acesso em: 02. ago. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99- 127, jan/abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

COSTA, Brenda Rodrigues da; NEVES, Ricardo Lira de Rezende. Lutas e disputas no campo científico da Educação Física: o Grupo de Trabalho Temático Gênero no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. **Movimento**, v.28, p. 1-20, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/118067>. Acesso em: 24 set. 2024.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: UCPA - União dos coletivos Pan-Africanistas. **Primavera para as rosas negras**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, p. 190 - 214, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **Investigação Qualitativa em Educação**, v. 2, p. 243-247, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/280924900_Pesquisa_Documental_consideracoes_sobre_conceitos_e_caracteristicas_na_Pesquisa_Qualitativa_Documentary_Research_consideration_of_concepts_and_features_on_Qualitative_Research/link/55cb950708aea2d9bdce3413/download?tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnNoUGFnZSI6InB1YmxpY2FoaW9uliwicGFnZSI6InB1YmxpY2FoaW9uIn19. Acesso em: 21 ago. 2024.

MATTOS, Ivanilde. **Estética afirmativa:** Corpo negro e Educação Física. 2ª ed. Curitiba, PR: Appris Editora, 2021.

OLIVEIRA, Elina; SILVINO, Flaviana; FINOQUETO, Leila. Acenos para uma Educação Física antirracista: caminhos árduos ainda a percorrer após 20 anos de implementação da Lei n.º 10639/2003. **Revista Cocar**, v. 19, n. 37, p. 1-20, 2023. Disponível em: <http://177.70.35.171/index.php/cocar/article/view/7190>. Acesso em: 21 ago. 2024.

Notas

ⁱ Informações disponíveis em: CBCE link.

ⁱⁱ Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>

ⁱⁱⁱ Disponível em: <https://public.cbce.org.br/uploads/611ea8c1e2d27Parecer-Comiss%C3%A3o-GTT-Etnicos-Raciais.pdf>.

^{iv} Disponível em: CBCE link. Acesso em 03 set. 2024.

^v Vide “Racismo obstétrico: violência na gestação, parto e puerpério atinge mulheres negras de forma particular”. Disponível em: https://www.geledes.org.br/racismo-obstetrico-violencia-na-gestacao-parto-e-puerperio-atinge-mulheres-negras-de-forma-particular/?gad_source=1&gclid=CjoKCQjwzby1BhCQARIsAJ_0t5M5TgWwPkziZUvX9CWTqN6t6lcWCxUxYUS5mi4Yml4spQ1vt7ECIXAaAt8uEALw_wcB. Acesso em: 03 set. 2024.

Sobre as autoras

Elina Rodrigues de Oliveira

Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Doutoranda em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos Feministas Lélia Gonzalez, atuando principalmente nos seguintes temas: corpos, interseccionalidade, relações étnicorraciais

E-mail: elinarodriguesdeoliveira@hotmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-5281-6712>.

Juliana Ribeiro de Vargas

Mestre e Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS). Pós-Doutora pelo PPG em Educação e Ciências (FURG). Docente da área de Educação de Jovens e Adultos (FACED/UFRGS) e no PPG em Educação (PPGEDU/UFRGS), na Linha de Pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero. Pesquisadora do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE/UFRGS), do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE/FURG) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Juventudes e Educação (GEPEJE/IFSul).

E-mail: julivargasufrgs10@gmail.com. **ORCID:** <http://orcid.org/0000-0002-2959-7889>.

Paula Regina Costa Ribeiro

Professora titular do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da FURG. Doutora em Ciências Biológicas pela UFRGS e Pós-doutora pela Escola de Educação de Coimbra. Editora da Revista Diversidade e Educação. Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese), atuando principalmente nos seguintes temas: corpos, gêneros e sexualidades. Bolsista produtividade 1C do CNPq.

E-mail: pribreiro.furg@gmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-7798-996X>.

Recebido em: 15/03/2025

Aceito para publicação em: 23/08/2025